



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIELE CLAUDIO DA SILVA

LER, CONTAR E ENCANTAR:

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM PERSONAGENS NEGROS(AS)

GUARABIRA/PB

2018

MARIELE CLAUDIO DA SILVA

LER, CONTAR E ENCANTAR:

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM PERSONAGENS NEGROS(AS)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para conclusão do curso.

Área de concentração: Formação de professores

Orientadora: Prof.^a Ms^a Sheila Gomes de Melo.

GUARABIRA/PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Mariele Claudio da.
Ler, contar e encantar: [manuscrito] : contações de histórias com personagens negros(as) / Mariele Claudio da Silva. - 2018.
48 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo, Departamento de Educação - CH."
1. Contações de história. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Valorização.

21. ed. CDD 372.24

MARIELE CLAUDIO DA SILVA

LER, CONTAR E ENCANTAR:

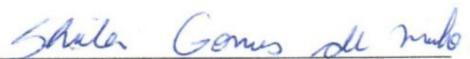
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM PERSONAGENS NEGROS(AS)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para conclusão do curso.

Orientador: Prof.^a Ms.^a Sheila Gomes de Melo.

Aprovada em: 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms.^a. Sheila Gomes de Melo (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a. Ivonildes da Silva Fonseca

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA

2018

DEDICATÓRIA

A minha mãe e ao meu esposo que sempre estiveram
ao meu lado me apoiando.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me iluminado ao longo desta caminhada, me dando forças para seguir em frente.

À minha mãe e meu esposo por todo o incentivo e apoio nos momentos difíceis ao percorrer esta jornada.

Aos meus colegas de turma por todas as vivências e experiências compartilhadas.

As minhas colegas de trabalho por todo apoio na realização deste trabalho.

À professora Sheila por todo apoio na construção deste trabalho.

Aos professores do curso de pedagogia do campus de Guarabira por todas as contribuições enriquecedoras.

RESUMO

O presente trabalho ressalta a importância das contações de histórias com personagens negros. Os momentos vivenciados durante a pesquisa buscaram levantar aspectos de valorização da população negra, bem como, reafirmar a oposição aos padrões de inferiorização, enaltecendo as contribuições e valores até então esquecidos pela sociedade e que através da Lei 10639/03 tornou-se possível e obrigatório a partir do ensino da história da África e Cultura Afro-brasileira nas instituições públicas e privadas. Tendo em vista o afastamento dos leitores do hábito e do gosto pela leitura, às práticas realizadas possibilitam a aproximação dos educandos com uma história afro-brasileira e suas contribuições para nossa formação como povo brasileiro, identificando culturas, levantando conhecimento e trabalhando a ética e os valores. As contações de histórias realizadas numa escola localizada no município de Nova Cruz - Rio Grande do Norte dispõem de uma influência para adentrar no imaginário das crianças, mudando expectativas ligadas a realidade. Tal método possibilita a exposição de fatos reais com melhor compreensão de forma em que chama a atenção e encanta aos olhares. Para realização deste trabalho, realizou-se uma pesquisa-ação de Fonseca (2002), que, a partir da utilização de práticas de contações de histórias auxiliadas por livros infanto-juvenis, proporcionando aos educandos, momentos de descoberta, aceitação, identificação, reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira. Contudo, os momentos de contação de histórias proporcionam conhecimento de maneira relevante e prazerosa. Neste trabalho, foi possível observar que as crianças adentram em um mundo imaginário e fictício, viajando no mundo da imaginação, utilizando de sua criatividade. A participação acontece até por meio dos mais tímidos, os quais se encorajam e se enriquecem diante de um novo enredo.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Cultura afro-brasileira. Valorização.

ABSTRACT

The present work highlights the importance of storytelling with black characters. The moments lived during the research sought to raise aspects of valorization of the black population, as well as reaffirming the opposition to the patterns of inferiorization, extolling the contributions and values previously forgotten by society and that through Law 10639/03 became possible and obligatory from the teaching of African history and Afro-Brazilian culture in public and private institutions. In view of the readers' distancing from the habit and the taste for reading, the practices carried out make it possible to bring students together with an Afro-Brazilian history and their contributions to our formation as a Brazilian people, identifying cultures, raising knowledge and working ethics and values. Storytelling at a school located in the municipality of Nova Cruz - Rio Grande do Norte has an influence to enter the children's imagination, changing expectations linked to reality. Such a method makes it possible to expose real facts with better understanding in ways that attract attention and enchant the eyes. In order to carry out this work, an action research was carried out by Fonseca (2002), who, through the use of story-telling practices aided by children's books, providing learners with moments of discovery, acceptance, identification, recognition and the appreciation of Afro-Brazilian culture. However, storytelling moments provide meaningful and enjoyable knowledge. In this work, it was possible to observe that children enter an imaginary and fictional world, traveling in the world of the imagination, using their creativity. Participation happens even through the most timid, who are encouraged and enriched by a new plot.

KEYWORDS: Storytelling. Afro-Brazilian culture. Appreciation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Contação de história, Menina Bonita do Laço de Fita.....	29
Figura 2 -Atividade de colagem para confecção de cartaz.....	30
Figura 3 - confecção do cartaz.....	30
Figura 4 - O livro.....	31
Figura 5 - Contação de histórias.....	31
Figura 6 - Contação de história.....	32
Figura 7 - A capa do livro.....	32
Figura 8 - Atividade relacionada a histórias.....	33
Figura 9 - Capa do livro.....	34
Figura 10 - Contação de história.....	34
Figura 11 - Contação de histórias.....	35
Figura 12 - Contação de histórias.....	36
Figura 13 - Capa do livro.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A LEI 10.639/03: OS DOCUMENTOS, AS LEGISLAÇÕES E A FORMAÇÃO DOS(AS) DOCENTES	13
2.1 AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.....	13
2.2 ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.....	14
3 CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS: TRAJETÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/03.....	18
3.1. VALORIZAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA PARA A CULTURA BRASILEIRA.....	20
3.2. A DESMISTIFICAÇÃO DE PERSONAGENS COM PADRÕES DE BELEZA IMPOSTOS PELA SOCIEDADE.....	22
4 METODOLOGIA.....	25
4.1. CAMPO DE PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	25
4.2. INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	26
4.3. MÉTODOS.....	26
4.5. AS VIVÊNCIAS NAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS COM PERSONAGENS NEGROS.....	28
4.5.1. Desenvolvendo as atividades.....	29
4.5.2. Impressões dos docentes.....	39
5 CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNCIDES	46

1 INTRODUÇÃO

Ao deparar-me com uma metodologia tão envolvente e atrativa que é contar histórias, resolvi aplica-la em prol de melhorias não só no sentido do rendimento escolar como: leitura e escrita, mas, também afim de que a mesma desmistificasse padrões de beleza nos personagens. Logo, o intuito seria amenizar as situações de racismo e preconceito entre os colegas, assim como, promover a valorização e o reconhecimento de nossa cultura africanizada. Foi percebido no decorrer da pesquisa que algumas crianças tinham dificuldade em assumir sua cor e/ou até mesmo sua aparência, desta forma, foi dado início ao trabalho de contar histórias. O tema foi escolhido com base nas práticas de realizações das atividades, algo bem objetivo o qual logo de início já mostra do que se trata.

Sabe-se que a forma de contar história pode influenciar no ambiente escolar, familiar, dentre outros. Não se tem a noção da transformação que pode surgir a partir de uma história. Com simples objetos pode-se prender atenções e transformar mentes. Quando tornamos um momento marcante, sem dúvidas, esse será lembrado por diversas vezes. Em consoante, é necessário ter a real certeza de que um contador de histórias é autor de mudanças. Ao unir as histórias aos personagens negros ganhamos espaço não só para desmistificar personagens clássicos, como também, conseguimos de tal forma adentrar no imaginário de tais espectadores fazendo com que haja mais igualdade e aceitação dentre eles.

Inúmeras contribuições podem surgir na educação através do resgate de práticas antigas. Pode-se conquistar pessoas de toda e qualquer idade com uma simples história inventada, ou até mesmo de um livro famoso. O fato de conquistar o leitor surge da forma com que apresentamos o livro ou história, desse modo, pode-se não só conquistar como afastar leitores.

Este estudo tem como objetivo promover e valorização da cultura e da população negra gerando conhecimento para as crianças com base também na lei 10639/03 (BRASIL, 2003).

Contudo, este trabalho pretende levantar aspectos de valorização da população negra, bem como, a redução dos padrões de inferiorização; descrever pontos positivos da população negra e suas contribuições para a formação do povo brasileiro; avaliar o

entrosamento e aceitação dos alunos negros, diante de suas características após as práticas de contações de história de forma continua.

Desta forma, o mesmo teve como público alvo as crianças de um Projeto Pedagógico na faixa etária do ensino fundamental I. Os encontros aconteciam a cada 15 (quinze) dias ou até menos, sempre de acordo com o planejamento. De forma interclasse (todos juntos) nos reuníamos em um determinado local da escola para que pudéssemos apresentar mais uma história. Através de um estágio, pude ter contato com crianças do projeto pedagógico, pelo qual, visa o desenvolvimento das habilidades de estudos de alunos do primeiro ao quinto ano.

Compreende-se também que contar histórias não se resume a ler palavras, deve-se ter encantamento, envolvimento, imaginação, momento de preparo, boa pesquisa e não se pode esquecer da criatividade.

Nossos leitores estão se perdendo por falta de motivação, pois, as mídias e tecnologias oferecem meios mais atraentes de conhecimento, meios pelos quais a sociedade ainda impõe padrões de beleza. Falta nessas pessoas estímulo para que se tenha conhecimento do quão prazerosa pode ser uma leitura ou a escuta dela. Sabe-se que nem todas as histórias agradam, mas, para cada gosto existe uma história que pode envolver e trazer reflexões, e em alguns casos, pode parecer que o escritor conhecia o leitor e transferiu por meio de palavras a sua vida.

Quando temos a oportunidade de reunir crianças para contar uma história, seja ela qual for, pode-se identificar a significância, as histórias representam indicadores efetivos para situações de aprendizagem. A história tem um efeito diferente em cada educando, basta que depois surjam atividades relacionadas, como: roda de conversa, releitura, e gêneros multimodais para que se possa avaliar a sua importância.

Este trabalho está dividido, em 5 (Cinco) capítulos. Além da Introdução no capítulo I, temos o Capítulo II que trata da lei 10630/03: Os documentos e as legislações, tendo como subtítulo, as Diretrizes Curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana; Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

No terceiro capítulo temos as contações de histórias: trajetória e suas contribuições para a efetivação da 10639/03 e tem por subtítulo, a valorização das contribuições da população negra para a cultura brasileira; Desmistificação de personagens com padrões de beleza impostos pela sociedade.

O quarto capítulo traz o desenvolvimento da metodologia e as vivências nas contações de histórias. Quanto ao quinto capítulo, expõe a conclusão deste trabalho.

2 A LEI 10.639/03: OS DOCUMENTOS, AS LEGISLAÇÕES E A FORMAÇÃO DOS(AS) DOCENTES

A lei 10.639/03 (de 9 de janeiro de 2003, sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deu a população negra mais esperança e acesso ao que devem ter por direito no ambiente escolar. Torna por direito e obrigatoriedade o ensino de história e cultura afro-brasileira-brasileira, nas escolas públicas e privadas. A lei contribui para amenizar o tamanho do preconceito, da exclusão e do racismo para com a população negra e também garantir o acesso nas escolas de forma igualitária, a qual não menospreza e/ou excluir a criança negra do ambiente educacional.

Esta lei, sem dúvidas, é um marco para os movimentos sociais negros, aos quais mesmo diante da realidade árdua nunca desistiram, sempre buscaram reconhecimento social e político, superando a exclusão social e educacional pregada a anos.

O Ministério da Educação, junto com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Social criaram um documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que busca garantir a aplicabilidade da lei 10639/03 (BRASIL, 2003).

No ano de 2003 nos cursos de licenciatura e pedagogia também inseriram nas perspectivas da lei, práticas voltadas a formação de professores aos quais discutem a diversidade étnico-racial. Um olhar que pode ser aprimorado e ampliado ainda hoje, pois, mesmo diante dos fatos, falta práticas educativas nas escolas, onde os alunos possam viver de forma igualitária. Nesse contexto, “tratar, pois, de ensinamentos e de aprendizagens é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações e poder” (SILVA, p. 13. 2011).

Mesmo com as universidades e secretarias oferecendo cursos de extensão e formações para professores, observa-se, segundo, Gomes (2011) “que a diversidade étnico-racial tem ficado em plano secundário na formação docente” dificultando para a sociedade o acesso as melhorias e a promoção da igualdade que deve haver dentro e fora dos ambientes escolares.

2.1 AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.

Ao aprovar a lei n 10.639, em janeiro de 2003, foi instituída a obrigatoriedade do ensino da história da África e cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas. Logo em seguida, no ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou a proposta das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico Raciais, assim como para o ensino da história africana e da cultura Afro-brasileira.

Visando o combate ao preconceito e ao racismo diante da sociedade para com a população negra, foram pensadas políticas públicas educacional afim de “enfrentar” tamanho desrespeito para com a população negra, promovendo desta forma uma educação igualitária para todos. Tendo em vista que:

O Brasil, ao longo de sua história, estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem. Com a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), o Ministério da Educação dá um grande passo para enfrentar a injustiça nos sistemas educacionais do país. (BRASIL, 2003, p.05)

Portanto, diante da lei n° 10.639/03 (BRASIL, 2003) e das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) fica evidente o objetivo de assegurar o direito a igualdade e a melhores condições de vida, tendo direito a conhecer histórias e a cultura herdada de uma população que tanto lutou e luta atualmente pelo seu reconhecimento.

Os alunos e a comunidade escolar devem sentir-se confortáveis, aceitos e sobretudo valorizados diante de uma sociedade que prega discriminação e desvalorização. Desta forma entende-se que:

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando as reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros, depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados (BRASIL, 2004, p. 13).

Grande passo já foi dado junto a lei supracitada. Mesmo diante de alguns obstáculos pode-se hoje observar mudanças as quais anteriormente eram escassas, como por exemplo: livros de literatura Afro-brasileiros aos quais trazem histórias que valorizam a cultura em meio aos enredos.

Diante da grande lacuna educacional historicamente construída, a lei a qual estamos tratando nos traz esperanças. Mesmo que atualmente ainda nos deparamos com grandes retrocessos, despreparo e, sobretudo, os padrões sociais impostos visivelmente diante das mídias. Silva (2011) nos aponta que:

[...] o processo de educar as relações entre as pessoas de diferentes grupos étnico-raciais tem início com mudanças no modo de se dirigirem umas às outras, a fim de que desde logo se rompa com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais. (SILVA, p. 12. 2011)

Nesta concepção, pode-se observar que o real propósito das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é promover a igualdade, iniciando pelo ambiente escolar, salientando os direitos sociais, econômicos, políticos, de ser, de se expressar, de se reconhecer (BRASIL, 2004). Desta forma, pode tornar-se perceptível a importância pela qual se tem diante da sociedade e principalmente nos espaços públicos, onde as pessoas podem ver, se reconhecer, valorizar e sobre tudo se aceitar.

2.2 ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Quanto às Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, a obra traz consigo vários capítulos os quais são divididos por níveis e faixa etária, visando um melhor conhecimento como forma de trabalho nesta temática, reconhecendo e valorizando tal diversidade, podendo envolver práticas educativas em sala de aula (BRASIL, 2006),

O documento, visto e apresentado como um auxiliador no trabalho das relações étnicas, é tido também como um material antirracista o qual mostra diversas formas as quais podem ser trabalhadas visando a valorização da cultura afro-brasileira e africana.

No que diz respeito ao primeiro capítulo, este vem observar a postura de educadores que atuam nesta área, trazendo uma perspectiva histórica da educação infantil até os dias atuais, sem sair do panorama étnico racial. Sabendo que esta etapa se faz necessariamente importante, pois, é nesta fase em que aparecem os estímulos e a construção de um saber. Este saber tem a colaboração familiar, escolar e social, a partir

de então torna-se importante o conhecimento para que não cresça mais uma criança racista.

Pois, as nossas identidades são construídas a partir do que nos ensinam, nos moldam familiarmente e aos poucos aprimoramos ou modificamos o que aprendemos diante dos ensinamentos da sociedade, desta forma, são moldadas também as gerações. Torna-se importantíssimo o papel da comunidade escolar na busca de nossas origens e de nossas descendências, para que desta forma haja sempre em maioria uma grande aceitação e valorização de nossas raízes culturais.

O segundo capítulo foi escrito e pensado para o ensino fundamental I e II, inicialmente vem retratando uma educação antirracista dentro de diversos fatores os quais compõem a educação. Propõe adiante, temáticas para serem abordadas no ambiente escolar apresentando-lhes temas e os recursos didáticos os quais podem contribuir para o conhecimento e o bom desenvolvimento do conteúdo da aula.

Diante do quarto capítulo da obra, esta vem se remeter ao ensino médio e vem citar diretamente os jovens ativos da sociedade, trazendo debates e discussões que envolve-os e são extremamente importantes nesta fase. O mesmo apresenta-lhes uma escola como modelo da construção da identidade de pessoas negras e as que não são negras, reafirmando ao final a importância que se faz entre educadores e educandos na construção de um conhecimento e uma valorização étnico-racial. Este laço criado entre educador e educando é bastante significativo, certa vez que os alunos se sentem mais à vontade sabendo que tem não só um professor, mas, que tem um amigo.

O capítulo que faz referência a Educação de Jovens e Adultos inicia com a sua trajetória educacional, e as dificuldades encontradas, tratando do Projeto Político Pedagógico e do currículo juntamente com as lutas dos movimentos negros, modificando a E.J.A para uma visão antirracista, fazendo com que jovens e adultos se sintam inseridos diante da sociedade e construindo seu próprio saber, sendo reflexivo. A realidade vivida pelos educandos Jovens e Adultos é um tanto mais difícil de lidar pois estes já têm suas próprias opiniões, e que, através de muitas conversas pode-se mostrar e tratar da realidade, fazendo com que estes possam se sentir inclusos e participantes de uma sociedade que tem vez e voz diante da atualidade.

Tratando de licenciaturas, a obra vem falar das universidades e cursos de nível superior, a formação de professores. Destacando ainda no mesmo capítulo as relações étnico-raciais, propondo como as Diretrizes podem ser inseridas. Expõem ainda de algumas experiências, a criação de novas disciplinas e componentes curriculares.

A comunidade quilombola ganha espaço em um dos capítulos do livro que trata principalmente do atendimento educacional de crianças, jovens, e adultos que pertencem ao quilombo. Valorizando a comunidade quilombola brasileira diante dos fatores educacionais e no princípio de equidade.

A obra disponibiliza um capítulo para sugestões de atividades que podem ser trabalhadas e auxiliarem na construção de um conhecimento sobretudo igualitário e antirracista.

Ao final pode-se observar um glossário de termos antirracistas. Para a formação desta obra, 150 estudiosos entraram em uma discussão para a construção de um material rico em informações e que pode somar muito no que diz respeito a construção de um conhecimento que valoriza e respeita outras culturas as quais descendemos. Não se trata de uma obra que deve ser seguida ao pé da letra, mas, sim de um auxiliador de práticas educativas.

A educação sem dúvidas é a ferramenta mais eficaz para que se tenha uma sociedade melhor. É importante sobre tudo que os educandos saibam destacar e valorizar seu próprio jeito de ser, se vestir, sua maneira de se expressar, principalmente quando está inserido em uma cultura que é sua. Cultura que nos traz orgulho e reconhecimento por todas as lutas e conquistas até aqui.

A seguir será visto um pouco sobre as práticas de contações de histórias e suas contribuições, bem como sua trajetória e sua importância diante do uso e aplicabilidade da lei 10639/03 - a qual se faz relevante para o desenvolvimento e aprimoramento de conhecimento diante da temática (BRASIL, 2003).

3 CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS: TRAJETÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/03

Ao nascermos já estamos em contato com diversas histórias, quem nunca escutou a história que a vó tinha para contar? Ou até mesmo contou para os colegas, mesmo que não fosse verdadeira?

Sempre existiram histórias e contos populares para que nos fossem contados. Até mesmo com a necessidade de relatar uma nova experiência ou um fato ocorrido, utilizamos sempre uma forma de contar história.

Quando na infância, as histórias auxiliam na construção do conhecimento, despertando a criatividade, a imaginação, dentre outros campos do saber. Não precisa ser necessariamente um contador de histórias profissional, que possua diversas habilidades, todo mundo tem uma história para contar.

Historicamente falando, as crianças tinham as mesmas funções de um adulto. Pode se dizer que eram pessoas pequenas e suas tarefas não eram muito distantes e diferentes das de um adulto fazendo com que o mesmo se tornasse uma pessoa responsável, sensata e prudente. Tal fato pode explicar o motivo da mortalidade infantil entre os séculos de XVII e XVIII.

Como as crianças dividiam as mesmas tarefas dos adultos, a aquisição literária não era diferente. Logo:

Apenas com a ascensão da burguesia e reestruturação familiar, a criança começou a ser reconhecida como indivíduo diferente do adulto, com atribuições diferentes. No século XVIII, a literatura infantil mostrou-se importante no âmbito escolar e na necessidade de uma mudança na mentalidade sociocognitiva que a criança possuía. A escola foi um dos principais agentes para que a mudança na literatura ocorresse. (MATEUS, 2014, p. 55)

Diante desses fatos, professores e pedagogos realizaram as primeiras produções de literatura infantil, no final do século XVII e durante o século XVIII.

A contação de história é uma das práticas culturais mais antigas que se pode saber. Sempre que temos algo a dizer pode se tornar uma história ou um enredo de encher os olhos, claro que, para cada gosto existe uma história. Através delas pode-se expressar inquietações, emoções e até mesmo aquilo que não se pode demonstrar de fato, mas pode ser relatado em versos escritos e contados.

A contação de história está ligada diretamente ao nosso imaginário, com isto podem surgir histórias verdadeiras e fictícias e que da mesma forma pode conectar uma

pessoa a um mundo imaginário. O leitor deve ser consciente de que a leitura abre portas e caminhos para novos horizontes, sua própria história pode formar um enredo envolvente, maravilhoso e renovador para pessoas que podem se identificar.

A partir da sua própria realidade podem surgir histórias que envolvam sentimentos, assim como, também podem surgir histórias engraçadas e inesquecíveis. Desse modo, com tais contações de histórias pode-se mostrar que livros, histórias, contos e outros gêneros podem ser de fato divisores de águas no que tange a apropriação do gosto de fazer parte de uma geração que lê e dela se espera que tenham outros atrativos, que não se resumam a TV, aplicativos, e redes sociais.

Outrossim, aprimora os conhecimentos melhorando significativamente o desempenho escolar e social. Cabe ao professor, também, esta missão. Fazendo o uso de práticas as quais possam envolver os educandos em uma história de lutas e trajetórias percorridas pela população negra.

As narrativas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Com essa prática se pode preservar a cultura de cada lugar. Contar histórias é uma das práticas artísticas e culturais mais antigas e que hoje vem sofrendo modificações, pois os valores, e as tradições não são mais as mesmas.

Incluir personagens negros em uma contação de história é algo que contribui para a educação da geração atual, visto que tais histórias, envolvendo estes personagens, vem sendo algo novo. A literatura brasileira nem sempre teve em seus acervos livros de literatura infanto-juvenis que retratassem e valorizassem tal cultura africana. Atualmente torna-se possível utilizar tais práticas para que possam somar e contribuir na formação de um cidadão crítico e formador de opinião, o qual se identifica, se assume e se orgulha de suas origens históricas.

Contar histórias é um ato conquistador e transformador, basta que se aproprie de forma adequada ao enredo e aos detalhes. Logo:

Acima de tudo, o ato de contar histórias nos dá amor e coragem para encarar a vida: no processo de imaginação de uma história maravilhosa, novos espíritos nascem para encarar as maiores aventuras de nossas vidas e conceder um estímulo sábio às outras pessoas, para que sigam seus próprios caminhos, não importando a idade que tenham. (MELLON, 2006, p.13)

Tudo se inicia com a procura de um livro que sirva não só para o conhecimento de uma nova história, este deve contemplar áreas necessárias para o estímulo respeitoso de acordo com as diferenças de cada um e sobretudo conhecer as origens históricas do

povo brasileiro e dos africanos que contribuíram para a cultura que temos atualmente. Podendo desta forma, contribuir para amenizar as práticas racistas e preconceituosas que se perpetuam sobre a sociedade.

As histórias podem assumir um papel influenciador nos processos sócio-históricos, pois um aluno que lê sabe responder melhor as mudanças e necessidades do meio físico e social.

Consideramos que, o exercício de contar história pode influenciar significativamente no processo de ensino e aprendizagem, o papel de contar não se restringe na apropriação da decodificação de códigos linguísticos, mas sim, se faz preponderante na mudança de comportamentos e atitudes.

Diante de tais fatos e acontecimentos, a população negra muito contribuiu para a nossa formação. Desta forma no capítulo seguinte abordaremos as contribuições e a valorização da população negra para com a formação da cultura brasileira.

3.1. VALORIZAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA PARA A CULTURA BRASILEIRA.

Sabe-se ao certo que o preconceito e o racismo para com a população negra não vêm de hoje. Tal povo sempre sofreu por suas características, cor e posição social, pois aos olhos de muitos para nada mais servem do que para serem explorados. Um povo que desde sua existência traz consigo sofrimento e dor. Por muitos anos, sofreram com a exclusão educacional pela qual eram impedidos de estudarem dignamente como todas as outras pessoas “brancas”

O que sabemos sobre a África? Pouca coisa, ou quase nada. Deveríamos ao menos ter o reconhecimento de nossas heranças culturais. Cultura essa renegada por muitos. Como nos aponta Mattos (2015, p. 155):

Ao longo dos anos que foram se passando, os negros ainda estavam impedidos de frequentar a escola e/ou permanecer nela. Mesmo sendo seres humanos como os outros. Pode-se afirmar que nem tanto igual, um pouco diferente, pois dessas pessoas herdamos hoje em dia grande parte de nossa cultura. Um riquíssimo e vasto legado aos quais muitos se envergonham ou até mesmo desconhecem suas origens. Os africanos, quando chegaram ao Brasil, passaram a conviver com diversos grupos sociais – portugueses, crioulos, indígenas e africanos originários de diferentes partes da África. Nesse caldeirão social tentaram garantir a sobrevivência, estabelecendo relações com seus companheiros de cor e de origem, construindo espaços para a prática de solidariedade e 10 recriando sua cultura e suas visões de mundo. Dessa maneira, integraram as irmandades católicas, praticaram o

islamismo e o candomblé e reuniram-se em batuques e capoeiras. Com isso, os africanos influenciaram profundamente a sociedade brasileira e deixaram contribuições importantes para o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira.

A população negra sempre foi vista pela sociedade como inferior a qual deve se remeter aos trabalhos braçais e agrícolas. Teóricos como Nina Rodrigues (1862-1906), Oliveira Viana (1883-1951), Arthur Ramos (1903-1949), dentre outros, chegaram a estudar uma forma de acabar com a população negra, apontando tal fato como uma solução para a população branca a qual julgam superior. Na verdade, eram considerados o “problema negro”. A população branca sempre foi vista com bons olhos, algo que traz pureza e desta forma com o país miscigenado, iniciaram estudos para que a população brasileira se tornasse “branca”. Deram início a teoria do branqueamento, a qual visava purificação de tal população e o maior objetivo seria tornar a população igualmente “pura” sem nela haver pessoas inferiores (negros). Desta forma:

É oportuno salientar que branquitude é o reconhecimento de que raça, como um jogo de valores, experiências vividas e identificações efetivas, define a sociedade. Já raça é uma condição de indivíduo e é a identidade que faz aparecer, mais do que qualquer outra coisa, a desigualdade humana (BENTO, 2002, p. 48)

Nas escolas é muito comum que as crianças estudem a cultura brasileira, a greco-romana, dentre outras, mas, esquecem de trabalhar as próprias origens de um país tão rico em cultura, cultura esta herdada de um povo menosprezado, porém cheio de valores. Os educandos deveriam saber, dentro da história do Brasil, que quando os portugueses chegaram a estas terras, os negros já lutavam por sua sobrevivência e já acumulavam experiências.

Segundo Fonseca (2009), foram os negros que construíram a civilização brasileira, foram o braço direito do senhor de engenho. Sem eles não seria possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem manter o funcionamento dos engenhos e outros empreendimentos que exigiam trabalhos braçais.

Devemos muito a essa população que nos permitiu compartilhar de uma cultura vasta, através de traços culturais, tais como: Língua, Dança, Religiões, Músicas e ritmos, e, também, Movimentos corporais como a capoeira, entre outras contribuições.

Mas se perguntarmos a um educando do ensino fundamental I o que ele pode falar sobre a população negra?! Fácil, ele nos responderá que foram escravos e que onde eles moram é um lugar pobre e cheio de doenças. A escola peca por relembrar pontos de

maneira negativa, principalmente, quando deixam para trabalhar a cultura africana apenas no dia da consciência negra. Em um dia não temos condições de ressaltar tamanhas contribuições e conquistas da população negra através de movimentos e lutas.

Notória a falta de recursos e de metodologias para que sejam exploradas tal campo do conhecimento. Desta forma, atualmente, as práticas docentes devem ser pensadas e repensadas minuciosamente para que consigam bons resultados. Logo:

Nesse contexto sociocultural e educacional processa-se de forma intensa o debate acerca dos paradigmas, das relações entre os padrões e níveis de conhecimento, das concepções de educação e da escola, o que evidencia a necessidade de repensar as práticas pedagógicas dos professores no interior dos diferentes espaços educativos. (FONSECA, 2003, p. 101)

As práticas educativas em que as escolas contemplam, ressaltam bem no que diz respeito a população negra, a escravidão, onde neste caso poderiam acrescentar milhares de outras contribuições que nos são muito uteis atualmente como.

3.2. A DESMISTIFICAÇÃO DE PERSONAGENS COM PADRÕES DE BELEZA IMPOSTOS PELA SOCIEDADE.

A sociedade sempre impôs padrões de beleza. Não é difícil encontrar artistas protagonistas de novelas, séries e programas de entretenimento que sejam brancos, tenham olhos claros e cabelos lisos. Os brinquedos de crianças são um bom exemplo a serem lembrados, em sua maioria também tem as mesmas características citadas acima. Não é comum ver uma criança ganhar uma boneca negra, ou melhor, não é corriqueiro ver as mesmas desejarem uma boneca negra. As novelas mostram alguns personagens negros, e, que por sua maioria são bandidos, chefes de facções criminosas, domésticas, motoristas e dificilmente ganham papel com um status social de destaque.

Até nos livros infantis é comum esse cenário. Um exemplo a ser ressaltado é a de uma personagem do *Sítio do Pica Pau Amarelo* de Monteiro Lobato o qual diz:

Em um diálogo de seu livro, *Reinações de Narizinho*, é possível constatar o estigma estético, quando Lobato fazia referência ao beijo de Tia Nastácia, animalizando-a [...] A personagem Tia Nastácia é bastante hostilizada, às vezes, pode até ser tratada como membro da família, no entanto, a cozinha é seu habitat natural, e é chamada de negra de estimação, o que reforça a sua inferioridade e a teoria de que negros só ocupam os papéis de serviçais, malandros, dignos de piedade. (SILVA 2010, p.29)

Tais padrões inferiorizadores sempre estiveram presentes nos livros de histórias infantis. As princesas por sua vez, não possuem pele escura e cabelo crespo/cacheado,

assim como os príncipes e demais personagens ilustrados nos principais contos infantis, os tidos como clássicos. Temos que:

A fada, a princesa, a mocinha são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada (...). O mocinho, o príncipe, é alto, corpulento, forte, elegante (ABRAMOVICH, 1994, p. 36-37, 39-40).

Tais estereótipos são expostos não só pelas mídias e pelos livros de histórias infantis, a sociedade também é grande causadora de opressão. Com pequenas palavras, gestos ou até mesmo brincadeiras pode-se envolver o imaginário de um ser fazendo com que o mesmo sinta vergonha de si e queira a todo custo deixar de existir ou até mesmo mudar de cor. Os padrões europeus até então estabilizado para com a população brasileira perpetuaram por muito tempo e ainda hoje encontramos tais fatos diante das mídias e que mesmo com grande poder midiático vem sendo modificado pois as pessoas estão se assumido, não encontra-se por sua maioria pessoas que queiram seguir os padrões de beleza europeu, entende-se hoje que o mestiço, o negro, enfim, o brasileiro é bonito independente de sua cor, raça e/ou estrutura do cabelo.

As pessoas atualmente estão se aceitando mais e a cada dia assumindo seus traços e sua identidade. Tal fato vem sendo modificado, um passo positivo foi dado, são passos lentos, mas que vem ganhando espaço nas estantes das escolas.

Com as histórias que contemplam a temática étnica racial, torna-se possível mostrar aos educandos que as pessoas negras também possuem sua beleza diante de suas características. Um exemplo muito bom é do livro de Ana Maria Machado “*Menina Bonita do laço de fita*” o qual mostra desde o início a beleza de uma menina negra que tem por seu admirador, um coelho branco e que por sua vez tem várias tentativas frustradas de ficar da cor da menina e que por fim casa-se com uma coelha negra que lhe vários filhotes e uma delas é negra. Do início ao fim, encontra-se pontos positivos que mostram as crianças a beleza de um personagem negro. Logo:

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade. (SILVA, 2010, p.35)

Surgem novos modelos de princesas nas histórias infantis, as mesmas são muito bonitas, trazem consigo uma cor escura e exuberante como a de seus olhos, seus cabelos têm diversos formatos, por sua maioria possuem ondas as quais se movimentam com o vento, estas têm amigas e amigos os quais a aceitam com seu modo de ser e ainda tem aquela amiga que almeja ser da mesma cor e ter o cabelo parecido. Quando uma criança negra identifica tais características, muitas de suas concepções mudam, de início pode parecer tudo um pouco estranho, até mesmo porque não é comum ver em uma história que a princesa é negra e tem cabelos crespos, mas logo depois surge um alívio e uma identificação pois diante daquele enredo, ela pode perceber o quanto é bonita e o quanto aquela princesa se parece com ela.

Ao ver e apreciar histórias infantis, a maioria das crianças acabam gostando do personagem principal e constroem uma outra imagem de si própria por não parecer com aquele personagem, por não possuir o mesmo estereótipo dele. De certo modo acaba atingindo o emocional das crianças.

Para tanto, a seguir, veremos os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho.

4 METODOLOGIA

4.1. CAMPO DE PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.

A escola onde aconteceu a intervenção está localizada no município de Nova Cruz/RN. Fundada em 2008, possui 4 salas de aula as quais são utilizadas no período da manhã, tarde e noite, dois banheiros, uma cozinha, um refeitório, um hall e uma biblioteca. Na parte de anexo tem uma quadra, uma cantina, dois vestiários e um parquinho. O espaço é grande, arejado e as professoras utilizam bem dos mesmos para a realização das atividades. A mesma tem três turmas de ensino fundamental pela manhã e duas a tarde. Contém também duas turmas de E.J.A. Educação de Jovens e Adultos no período vespertino e quatro turmas no período noturno.

A instituição tem uma biblioteca e uma auxiliar de biblioteca a qual está sempre com intervenções nas escolas do município. Na secretaria escolar tem um Gestor, um Coordenador pedagógico e um secretário escolar. Estes estão presentes na instituição todos os dias para o melhor desenvolvimento da instituição, sempre dispostos a receber propostas educativas, pais e familiares de alunos. O coordenador Pedagógico está sempre a par das particularidades pedagógicas para melhor intervir e auxiliar o corpo docente. O gestor faz a sua prática participativa e não se restringe só aos fatos administrativos, este preocupa-se também em fazer parte do corpo docente de forma igualitária. A instituição fica bem localizada e tornou-se referência no município por suas práticas educativas no combate do analfabetismo. O corpo docente é formado por 6 (seis) professoras as quais três trabalham com um projeto pedagógico institucional, voltado para crianças do ensino fundamental quanto as outras 3 (três) trabalham com a E.J.A.

As professoras têm de 30 a 40 anos de idade e por sua maioria são casadas tendo de 1 (um) a dois filhos. As mesmas possuem formação no curso de pedagogia e concluíram o curso entre 3 (três) a 7 (sete) anos. Todas possuem uma pós-graduação e estão inseridas em sala de aula entre 6 (seis) e 20 (vinte) anos de trabalho. Quanto ao tempo de serviço prestados na instituição, todas estão inseridas há 6 (seis) anos. São sobretudo dinâmicas e estão sempre buscando novas práticas.

Como já citado acima, a instituição trabalha em um contra turno escolar no desenvolvimento de um projeto pedagógico o qual visa desenvolver as habilidades de estudo dos educandos. As crianças são de uma faixa etária de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade e devem estar matriculadas na escola regular para que frequentem a instituição.

As turmas são divididas em três, 1º (primeiro) e 2º (segundo) ano, 3º (terceiro) ano, 4º (quarto) e 5º (quinto) ano.

4.2. INSTRUMENTO DA PESQUISA

Para a realização das intervenções foram utilizados 4 (quatro) livros de literatura infanto-juvenil, os quais foram encontrados nos acervos da internet e um deles na biblioteca da instituição. A cada utilização de um livro o qual não o tivesse em mãos o mesmo era ilustrado através de métodos multimodais. Foram utilizados os seguintes livros:

- **Menina Bonita do Laço de Fita** de Ana Maria Machado;
- **Todas as cores do negro** de Arlene Holanda;
- **O cabelo de Lelé** de Valéria Belém;
- **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um** de Lucimar Rosa.

Apenas o Livro da Menina Bonita do Laço de Fita pode ser encontrado nos acervos da biblioteca, os outros foram encontrados na internet. Os mesmos foram utilizados para uma leitura minuciosa a qual pudesse me apropriar dos detalhes e então apresentar para os educandos. Ao termino das contações de história, conversávamos sobre o autor, sobre a obra apresentada e sobre a temática afro-brasileira sempre terminando com a realização de uma atividade a qual ressaltasse a temática trabalhada. Sempre com a imagem da capa do livro exposta para que todos pudessem observar.

4.3. MÉTODOS

A pesquisa qualitativa visa o meio pelo qual está sendo estudado sem se importar com quantidades ou resultados quantitativos, preocupa-se com a realidade observada, pois “Todos os dados da realidade são considerados importantes” (LUDKE; ANDRÉ. 1986, p. 21).

Através do pesquisador em meio ao seu campo de pesquisa, devem ser consideradas importantes todas as suas observações e detalhes onde faz se sempre maior parte de suas atividades, em campo, trocando experiências e observando as vivencias.

Todos os detalhes são importantes e podem ser captados em gestos, falas, atividades e entre outros, desse modo:

Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem

emergir como importantes durante o estudo. (LUDKE; ANDRÉ. 1986, p. 18).

Para que se inicie a pesquisa sempre há uma inquietação, as pessoas não pesquisam só por pesquisar, algo deve lhe chamar a atenção para que desperte o gosto e a iniciativa da pesquisa. Dessa forma buscamos teóricos que possam embasar nossa pesquisa, sem esquecer se de estar no meio natural onde os fatos acontecem e podem ser observamos.

Este trabalho teve como procedimento a pesquisa-ação no qual houve uma intervenção efetuada no campo de investigação a qual serviu para o desenvolvimento desse trabalho. Nesse contexto:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (p. 34). O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (FONSECA. 2002, p. 34- 35)

A luz do pensamento do autor, evidencia a participação direta do pesquisador em meio a situação pesquisada, intervindo na realidade observada afim de alcançar os objetivos obtidos na intervenção durante a pesquisa. Faz-se necessário, que o mesmo esteja em meio a campo para que possa captar os mínimos detalhes podendo desta forma colaborar com a solução de situações tidas como problemas.

Durante o período de estágio vivenciado na instituição algumas intervenções foram realizadas e até ser pensado o projeto de contações de histórias. Ao chegar na instituição no primeiro dia fiquei deslumbrada com tantos recursos e com um espaço tão acolhedor. O coordenador pedagógico me levou para que conhecesse as turmas e elas

também tomassem conhecimento sobre quem eu era e o que iria fazer, as professoras sempre estavam dispostas a auxiliar dando-me espaço para que pudesse contribuir com as aulas. As mesmas foram sempre muito atenciosas e acabaram adentrado no projeto que envolveu todo o corpo docente, fazendo com que tivessem gosto pelas contações de história e delas participassem de acordo com a necessidade.

As intervenções aconteciam a cada 15 (quinze) dias, ou de acordo com a necessidade. Na maioria das vezes ocorriam de forma interclasse (todas as turmas juntas) no espaço da biblioteca, do hall ou na sala multiuso. Foram vivenciados os seguintes momentos:

1º momento:

A primeira contação foi com a história da “Menina Bonina do Laço de Fita” de Ana Maia Machado.

2º momento:

A partir da primeira contação com personagem negro, foi surgindo a ideia da intervenção e da inserção da lei 10.639/03, de forma sutil fazendo com que todos, ou pelo menos grande parte dos educandos tomassem gosto pela leitura e por uma história rica em saberes, a qual ressalva alguns pontos dos povos africanos.

3º momento:

A segunda contação, foi apresentada a história “Todas as cores do negro” de Arlene Holanda.

4º momento:

A terceira contação de história “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém.

5º momento:

Culminância do projeto com a história “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um” de Lucimar Rosa.

4.5. AS VIVÊNCIAS NAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS COM PERSONAGENS NEGROS.

As práticas de contações de história com personagens negros surgiu de um interesse em poder mostrar o valor e as heranças culturais afro-brasileira-brasileira, afim de que cada um pudesse se reconhecer como negro de tal forma que viesse a se valorizar e respeitar ao seu próximo, tendo orgulho de suas heranças genéticas e culturais. Sabe-

se que muitas crianças não se aceitam enquanto negras e para elas reconhecer tal fato pode ser doloroso.

Ao iniciar as contações, no ano de 2007, mais especificamente no segundo semestre, percebi a desinquietação de algumas crianças, logo, ao final durante a atividade resolvi indagar algumas perguntas e uma delas foi: “aqui alguém se considera negro?” E para minha alegria, grande parte da turma, ou melhor, sua maioria levantou a mão e justo uma criança negra não fez o mesmo e permaneceu sentado com as mãos para baixo. Não sei ao certo o que aquela criança pensava, porém, resolvi pergunta-la o colocando ao meu lado e de outra criança branca, perguntei: sua cor é mais parecida com a minha (negra) ou com a do colega (branco)? E sem intervalo para pensar, logo, ele respondeu que se parecia com o colega que era branco. A aceitação das pessoas negras ainda é muito difícil, muitas sentem vergonha e acabam por alimentar mais preconceito diante da sociedade turbulenta em que vivemos.

Consoante à proposta pedagógica para o trabalho de conscientização acerca da importância de inserção da contação de histórias com personagens negros para desenvolver ações conscientizadora nos nossos discentes.

Para organização das ações, iniciamos com breves momentos de leitura em sala, fazendo uso de diversos gêneros textuais, dos quais os mais trabalhados foram os gibis e contos de fadas, estes eram os mais procurados até então.

Após, muitos outros trabalhos foram feitos seguindo os mesmos anseios de subsidiar o fazer pedagógico num enfoque novo, que é oportunizar as aprendizagens de modo significativo, e, também que se possa tentar mudar hábitos e atitudes no que diz respeito ao reconhecer outras histórias que remete nossas heranças vindas de povos Africanos e de forma grandiosa nos deixou heranças contempladas até hoje.

Como forma de intervir no conhecimento das crianças, no que diz respeito à aplicação da lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), iniciei as contações com a temática negra, sempre pensando em favorecer:

[...] à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história (BRASIL, 2004, p. 18)

Trabalhando de acordo com o que a lei sugere fica mais fácil a inserção da criança numa sociedade racista e excludente, sem que se sinta inferiorizada, conhecendo

e valorizando suas origens, sua cultura e tudo de bom que nos foi herdado dos povos Africanos.

4.5.1. Desenvolvendo as atividades

Na história *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, houve caracterização, fora organizado e decorado o ambiente de forma simples. Para tanto, utilizou-se de alguns objetos como: balde para encenar onde o havia tinta, um personagem sendo o coelho branco, o outro preto, um tecido com uma pintura encenando um bosque. Os mesmos fizeram uma extrema diferença. Conforme a história ia sendo contada, semblantes mudavam na expectativa de um novo fato, novo passo e sobretudo, qual o próximo objeto a ser exposto. Saíam risadas, bocas abertas, olhos arregalados e os mais diversos gestos de interesse pela história.

Foi pensado em envolver os alunos na história de forma que pudessemos trabalhar principalmente além da leitura, escrita e imaginação, a ressalva do valor e a aceitação de uma pessoa negra, afim de que naquele ambiente algumas crianças pudessem se sentir aceitas da mesma forma que a personagem do livro. Os alunos escutavam a história boquiabertos e adoravam a hora de participar cantando “Menina bonita do laço de fita, qual é seu segredo pra ser tão pretinha?”. E desde a primeira contação já podíamos perceber o interesse pela história, a biblioteca passou a ser mais frequentada e os livros mais disputados. Para finalizar a contação realizamos atividades relacionadas a história, todos participaram com muito entusiasmo.

Os comportamentos e habilidades de estudo estão ligados aos estímulos ao hábito de ler. Para tanto, diante das práticas educativas utilizadas em forma de enredo, histórias e personagens, surgiam interesses até então desconhecidos. Os alunos conseguiam interagir, e o efeito pós, é satisfatório, uma vez que tudo depende da forma como se conta, do livro e o gênero. “Cada detalhe em uma história, personagens, cenários, climas e meandros do enredo pode começar a circular em nossos próprios corpos, sentimentos e estruturas mentais” (MELLON, 2006, p. 14). A luz do pensamento do autor reforça que antes de contar uma história devemos nos apropriar dela, o ensaio de voz, corpo e ambiente servem para dar sentido e verdade ao que se conta.

Figura 1 - Contação de história, Menina Bonita do Laço de Fita.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 2 -Atividade de colagem para confecção de cartaz.



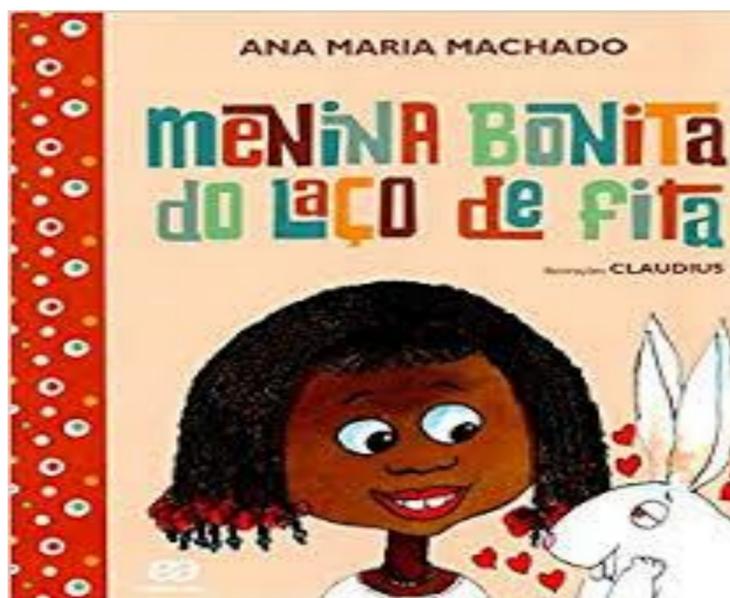
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3 - confecção do cartaz



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 4 - O livro



Fonte: Imagem da Internet.

A segunda contação de história teve alusão ao Dia Nacional da Consciência Negra e foi realizada no espaço da biblioteca de forma interclasse. Conteí a história “Todas as cores do negro” de Arlene Holanda. Neste dia, iniciamos com uma conversa sobre a história da população negra. Fez-se importante a ressalva de nossa cultura para que naquele momento todos) tomassem conhecimento do valor herdado da população negra e que por meio de história seria narrado. Sobre isto as Diretrizes nos alerta que:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. (BRASIL, 2004, p. 20)

Iniciei a ação e fui demonstrando para cada um deles os fatos ocorridos, cheguei a encenar com um barbante as mãos acorrentadas da forma em que faziam com os escravos trazidos em navios, mostrei também que a população africana traz consigo um gosto por cores diversas, são pessoas felizes diante das situações, e eles ficavam cada vez mais surpresos.

Figura 5 - Contação de história



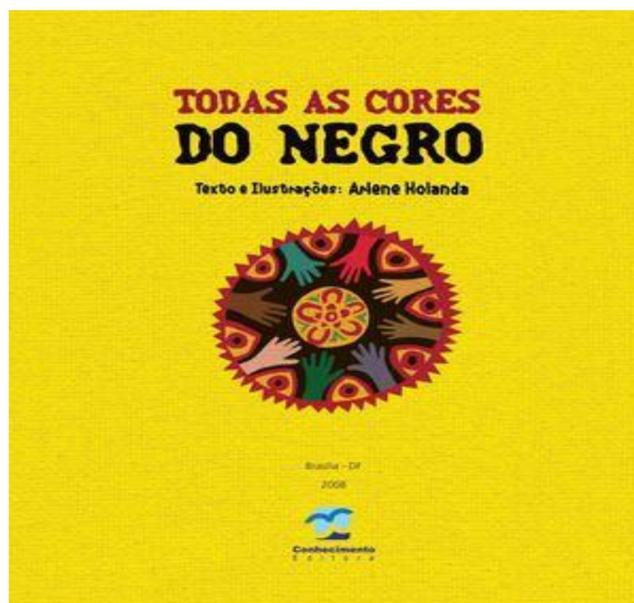
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Contação de história



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - A capa do livro



Fonte: Imagem da Internet.

Finalizamos a atividade com uma roda de conversa e em seguida confeccionamos um cartaz onde cada um deixou a marca de sua mão, pintada com tinta guache, representando a união de todos contra o preconceito e no cartaz foi escrito “todos contra o preconceito”.

**Atividade
histórias**

Figura 8 -



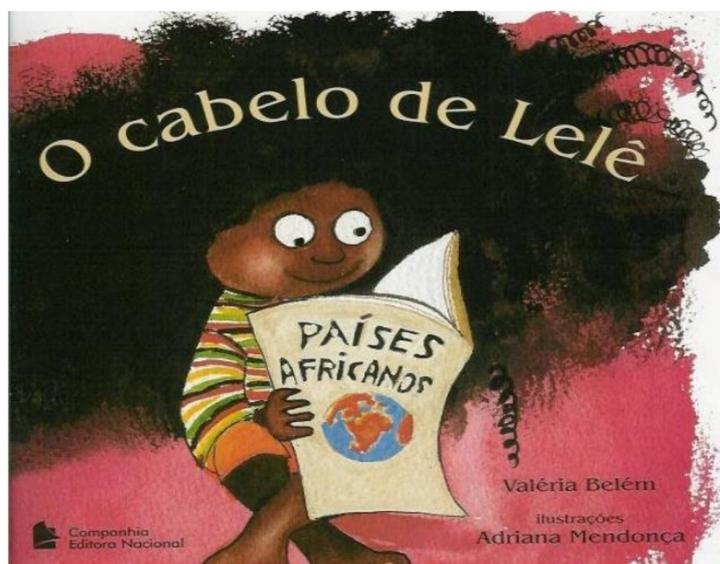
relacionada a

Fonte: Arquivo pessoal.

A terceira contação de história foi “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém. A história fala de uma menina que não sabe lidar com suas características físicas, mais especificamente com seu cabelo encaracolado. Não teve dificuldade alguma ao encenar essa história, pois, meu cabelo também é semelhante ao da personagem e a cada gesto feito os alunos adoravam, alguns se olhavam, passavam a mão no cabelo e faziam comentários. Esta contação se fez importante por ressaltar os traços africanos, trazendo como ensinamento a aceitação e a valorização de suas próprias características. Assim:

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. (BRASIL, 2004, p. 7)

Figura 9 - Capa do livro



Fonte: Imagem da Internet.

Figura 10 - Contação de história

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final da mesma, realizamos atividades as quais em um cartaz dividido em duas partes, deveriam representar um planeta colorido com imagens de pessoas diferentes e de diversas cores, do outro lado desenharam a mão de cada integrante do grupo e dentro dela uma palavra de incentivo ao fim de toda discriminação e preconceito. Vale ressaltar que, as turmas foram divididas em grupos heterogêneos, finalizando com a socialização das atividades onde cada um pode falar um pouco.

A última contação aconteceu no espaço da biblioteca, neste dia culminamos o projeto com a história “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um” de Lucimar Rosa. A história fala de uma menina vaidosa e que adorava ser diferente, seu nome era Luanda o qual faz referência a capital da Angola. As crianças adoraram a história e foi finalizado com uma grande roda de conversa acerca de tudo o que foi realizado no projeto, e teve também o dado de perguntas referente a história. Com isso, tem-se a certeza que o trabalho realizado e, principalmente, as histórias contadas:

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Figura 11 - Contação de histórias



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12 - Contação de histórias



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 - Capa do livro.



Fonte: Imagem da internet.

A leitura tem o poder de adentrar dentro do imaginário das pessoas e modificar atitudes, não importa qual seja a história, pode até ser uma das histórias mais conhecida, basta que se aproprie dos detalhes e permita-se viajar no mundo da imaginação. Só a leitura pode fazer com que pessoas viagem sem sair do lugar.

Enquanto educadores é necessário que se tenha consciência do quão importante se faz a leitura na vida de um cidadão. De modo que, ao observar a recusa de um educando a escolher um livro e realizar uma leitura, sabe-se que falta algo, e esse algo pode ser estímulo. Uma vez que:

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura [...]. (SILVA, 2010, p. 35).

Na culminância do projeto nos sentimos realizadas diante do interesse e a participação de todos, até mesmo aquelas crianças que se envergonhavam de sua cor e características estavam envolvidas na temática, e quando perguntada sobre sua cor, a resposta saía com fluência: *sou negro*. Uma etapa de estágio na intuição, mas, saímos do local com a consciência de dever cumprido, incentivo não para mim, porém, para toda a população negra. Estas são agora crianças que conhecem um pouco de sua história de descendência e que da mesma sabem valorizar e se orgulhar.

4.5.2. Impressões dos docentes

Ao aplicar um questionário para as docentes que participaram do desenvolvimento do projeto, fica evidente o quanto este projeto pode contribuir de forma positiva para os discentes e todo o corpo docente. Iniciamos com a seguinte pergunta:” Pode-se encontrar no ambiente escolar a prática de preconceito racial? De que forma você lida com estas ações?”

Sujeito A: Sim. Com conversas e atividades relacionadas ao tema, levando as crianças a se conscientizar que não existe raças/cor de pele, existe seres humanos diferentes, porém com algo de bom para oferecer.

O sujeito B teve uma resposta semelhante, como pode ser visto a baixo:

Sim. Conscientizando os alunos, através de vídeos e filmes educativos, como também trabalhar atitudes de valores tanto no espaço escolar, quanto no contexto social.

O preconceito está presente em todos os ambientes, principalmente na escola, local este que deve ser combatido e tais práticas envolvem os educandos e os professores também! Uma vez que, cada história vem com um enredo diferente e que dependendo do momento pode tocar profundamente. Pois:

[...] a escola, é então vista como portadora de uma função social porque compartilha com as famílias e educação das crianças e jovens, uma função política, pois contribui para a formação de cidadãos, e uma função pedagógica, na medida em que é o local privilegiado para a transmissão e construção de um conjunto de conhecimentos relevantes e de formas de operar intelectualmente segundo padrões desse contexto social e cultural (AMARAL. 2002, p.48).

Como cita Amaral, a escola se faz muito importante para a formação de cidadãos. Desta forma as práticas educativas são excepcionais. Em outro questionamento, intencionamos saber “*O projeto de contações de história apresentando personagens negros contribuiu de que forma para o corpo discente?*”. Assim, o Sujeito A e C responderam da seguinte forma:

Sujeito A: Contribui de maneira a levar os alunos a perceber que independente de cor ou classe, o ser humano deve estar inserido na sociedade.

Sujeito C: Contribuiu para que os discentes percebessem que todas as cores e raças merecem ser respeitadas, pois a cor não define a personalidade.

Como citado acima, o projeto de contações de história tem por objetivo, levantar aspectos de valorização da população negra, tal fato auxiliou com o auxílio de livros

para que muitos discentes se reconhecessem como pertencentes desta população e da mesma forma, valorizassem-se. Como cita Silva (2007, p. 490):

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais.

Também foi uma preocupação sabermos se “*O projeto trouxe algo de bom para a equipe pedagógica? Cite exemplos.*” O sujeito B e C, responderam da seguinte forma:

Sujeito B: *Sim. Trouxe reflexões e questionamentos como: a importância da inclusão; valores da cultura Afro-brasileira. A lei 10.639/03 que defende o direito da história e cultura Afro-brasileira no currículo escolar.*

Sujeito C: *Sim. Atitudes de respeito muito mais visível após o projeto.*

Também trabalhamos dentro do projeto *Ler, Contar e Encantar* o junto ao desenvolvimento da escrita e da criatividade, um novo olhar para as diferenças afim de valorizar e reconhecer os valores existentes em cada um sendo ele: branco, negro, alto ou baixo. Diante das dificuldades educacionais encontradas, não deve-se contar uma história só para passar o tempo ou prender a atenção dos alunos por alguns instantes. É necessário buscar contemplar áreas dos saberes e instigar os educandos a pensar, formar opiniões, ser críticos. Um cidadão que lê tem mais facilidade para compreender o mundo, ir em busca de perguntas e respostas, sem que se espere e aceite uma verdade absoluta. Reafirma Antunes (2009, p. 40):

(...) ensinar a pensar, a gostar de ler, a extrair da leitura exemplos significativos é mais ou menos como buscar-se uma modelagem dos músculos em uma sala de ginástica. O sucesso depende do esforço. Da persistência e da certeza de eu os resultados surgirão depois que as sementes se fizerem árvores.

E ainda perguntamos “*Você acredita que o projeto de contações de história com personagens negros contribui para o combate à discriminação na escola?*”. Logo, os sujeitos- A e B responderam:

Sujeito A: *Sim. Foi um projeto bastante valido, pois a partir das contações apresentadas algumas crianças mesmo sendo de cor branca, passaram a dizer que são negras.*

Sujeito B: *As crianças necessitam desse contato; ou seja, vivenciar e aceitar de forma concreta e assim aceitar se como descendente Afro-brasileiro.*

Assim, deve-se afirmar que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, [...] essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

A luz do pensamento do autor Munanga (2005) fica nítido que as histórias afro-brasileira não são importantes apenas para as crianças negras, mas para todas, principalmente para seu auto reconhecimento como cita o sujeito entrevistado A.

Por fim, questionamos “A equipe continua trabalhando a temática negra a fim de formar cidadãos de respeito e reflexíveis para uma sociedade melhor?” . Assim, os sujeito, B e C responderam:

Sujeito B: Sim. Faz-se necessário que essa temática seja defendida na proposta de trabalho, para que o índice de preconceito venha ser minimizado

Sujeito C: Sim. Procuramos sempre alertá-los acerca da importância do respeito para com o outro e conseqüentemente serão cidadãos de bem.

Com respostas semelhantes os entrevistados afirmam a continuidade do trabalho dentro da temática étnico racial e que de fato é muito importante pois como afirma Brandão

A educação é hoje considerada como um fator de mudanças: um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social com vistas a garantir a evolução econômica e a evolução social e dar continuidade à mudança no sentido desejado (BRANDÃO, 2005, p.84)

Desta forma, a ideia é sempre garantir uma educação de melhor qualidade a qual visa a valorização de todas as etnias, sem o estímulo do preconceito social e racial.

5 CONCLUSÃO

Com base neste estudo, compreende-se que as atribuições das contações de histórias na educação, como um meio conscientizador acerca da diversidade. Além disso, os relatos de histórias contendo personagens negros possibilita uma desconstrução do que é pregado pela mídia. A figura do negro ainda se situa em personagens que representam aqueles que têm baixa remuneração, condições de moradia precária e situação social instável.

Mesmo a lei nº10639/03 completando 15 anos de efetivação no ano de 2018, ainda encontramos escassez no seu desenvolvimento nas instituições de educação. Pouco encontrou-se sobre a história da África e cultura afro-brasileira nas estantes das bibliotecas escolares e até mesmo nas práticas docentes. Com este trabalho pode ser desenvolvida de maneira edificante as práticas e ações de contações de história as quais promoveram e levaram momentos de conhecimento, desenvolvimento e enaltecimento para os educandos.

Percebe-se que o texto da história em relato deve ser observado com extrema precisão. O contador de história (professor), antes de tudo deve ter em mente seu obtivo com tal atividade. Uma vez que, esta é aplicada para trabalhar o preconceito afim de combatê-lo, e valorizar tais traços e tradições. Uma história com personagens negros não se faz suficiente, mas, colabora para grande parte da amenização de tamanha inferiorização.

Ressalta-se que, a importância do planejamento, da análise e objetivos. A atividade deve exercer reflexos favoráveis as reflexões dos educandos para que assim, possa tratar-se de um método de ensino significativo e transformador.

Para tanto este trabalho teve grande contribuição para o trabalho e envolvimento com base na lei 10639/03, na qual foi norteadora da temática abordada. O envolvimento do corpo docente e discente se fez necessário e eficaz, certa vez que, todos se envolveram e participaram das práticas de contações de história as tornando essenciais para o norteamento da amenização dos padrões de inferiorização e a aceitação bem como a valorização e reconhecimento de educandos negros.

Ao tratar-se da instituição pela qual foi efetivada as ações, observamos o total apoio e envolvimento por parte equipe pedagógica que adentrou nas práticas afim de

aprimora-las e continuar as exercendo para melhor poder exercitar temáticas até então adormecidas

Contudo, os objetivos deste trabalho conseguiram ser alcançados e, sem dúvidas, colhendo bons resultados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AMARAL, L. A. Diferenças, estigmas e preconceitos: o desafio da inclusão. Em: Oliveira, M. K. Souza, D. T. R. S. & Rego, T. C. (orgs.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.
- ANTUNES, Celso. **Metáforas para aprender a pensar**. 5. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- AXER, Bonnie. **Diferente sim e daí: uma reflexão acerca da diferença em contos e filmes infantis**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/cinema_teatro/0064.html>- Publicado em 11/05/2010> Acesso 10/05/2018.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Racialidade e produção do conhecimento**. In: SEYFERTH et al. **Racismo no Brasil**. São Paulo: ABONG; Ação Educativa; ANPED, 2002. p. 45–52.
- BRASIL. Ministério da Educação. SEPPIR. INEP. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. 2004.
- _____. **Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD,2006.
- _____. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD; SEPPIR, jun. 2009.
- _____. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005
- FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História. Experiência, Reflexão e Aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FONSECA, D. J. **Políticas Públicas e ações afirmativas**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- LUDKE, Menga. André, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, 1986.
- MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MATEUS, Ana do N. B.; et al. A importância da contação de história como prática educativa na Educação Infantil. In: **Periódicos Puc Minas**, 2014. p. 54-69.
- MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Tradução de Amanda Orlando e Aulyde soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MUNANGA, K. **Por que ensinar a África na escola brasileira?** Disponível http://www.capoeiravadiacao.org/attachments/250_Porque%20ensinar%20a%20%C3%80fri%20ca%20na%20Escola%20Brasileira%20-%20%20kabengeleMunanga.pdf Acesso 22/05/2018

PEREIRA, Rosa Vani. **Aprendendo valores éticos na escola.** Belo Horizonte: Autentica editora, 2010. p. 9-22.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. **Revista Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.12, n.2, p. 217-229, jul./dez. 2016. ISSN: 1517-7947.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva.** 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

TRIP, David. **Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica.** São Paulo, 2005.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA

Apresentação

Este instrumento objetiva levantar dados e informações que subsidiem a pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso. Trata-se de um instrumento, contendo: questões de perfil (pessoal, formativo e profissional) e questões abertas sobre a temática abordada na pesquisa.

Parte 1:

A-Perfil Pessoal

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade: () 18 a 29 anos () 50 a 59 anos () 30 a 39 anos () 40 e 49 anos
() 60 anos ou mais
3. Em qual município você reside?

4. Qual seu estado civil?
() Solteiro(a) () Separado(a) / desquitado(a) / divorciado(a) () Casado(a)
() Viúvo(a) () União estável () Outro.
5. Número de filhos? () Nenhum () Um () Dois () Três ou mais

B-Perfil formativo

6. Há quanto tempo concluiu a sua graduação? (se fez mais de um curso, considere o último curso concluído)
() Até 2 anos () 3 a 6 anos () 7 a 10 anos () mais de 10 anos
7. Porque optou pela docência?
() Sempre quis () Não havia outra opção () Qual outro? _____
8. Fez algum curso de Pós-graduação?
() Não () Sim. Qual(is)? _____

C-Perfil profissional

9. Há quanto tempo leciona?

() Até 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos () 16 a 20 anos () mais que 20 anos

10. Há quanto tempo leciona na escola (local da pesquisa)?

() Até 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos () 16 a 20 anos () mais que 20 anos

11. Pode-se encontrar no ambiente escolar a prática de preconceito racial? De que forma você lida com estas ações?

12. O projeto de contações de história apresentando personagens negros contribuiu de que forma para o corpo discente?

13. O projeto trouxe algo de bom para a equipe pedagógica? Cite exemplos.

14. Você acredita que o projeto de contações de história com personagens negros contribui para o combate à discriminação na escola?

15. A equipe continua trabalhando a temática negra a fim de formar cidadãos de respeito e reflexíveis para uma melhor sociedade?
